



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

OURO PRETO, 18 DE ABRIL DE 1960.

NA COMEMORAÇÃO DE TIRADENTES.

361 Aqui vim, três dias antes da data dedicada à celebração do martírio de Tiradentes, porque tenho, em 21 do corrente, um encontro a que não posso faltar: a instalação da nova Capital do Brasil. Recebe, assim, dupla homenagem o herói de nossa independência: esta que lhe prestamos agora e a da Inauguração de Brasília no próprio dia dedicado ao grande vulto, sob cujo signo, proteção e defesa, virá colocar-se mais um monumento de comovente afirmação à independência deste país.

362 Nas vésperas do ato solene que há de mudar a face da nossa Pátria, instalando no centro do Brasil o centro mesmo de nossa vida política e administrativa; antes da homenagem à grandeza futura, pedi-me o coração que viesse a meu Estado natal de Minas Gerais, a esta Ouro Preto que espelha a História do Brasil, a fim de prestar ao Alferes um dos mais altos de quantos preitos se lhe vêm rendendo como a figura tutelar da nacionalidade.

363 Na ocasião em que surge Brasília, não apenas como realização extraordinária da capacidade do povo brasileiro, mas também como prova da força de uma geração que invade o deserto e o vence; nesta hora em que se abre o caminho do pleno desenvolvimento, cons-

titui um dever voltarmo-nos para a figura humaníssima dêsse Joaquim José da Silva Xavier, cujo belo sonho nativista lhe valeu pena cruel e glória perene. Imolado à Pátria que nêle se antecipava, que nêle era aspiração e fé ardente, Tiradentes alcançou a consagração máxima que só se reserva aos fundadores de uma Nação. E é sôbre o seu sacrificio e o de alguns outros que a construimos unida e forte. Sôbre o seu corpo esquartejado e exibido para escarmento às gentes; sôbre a pecha infamante transmitida a duas gerações do seu sangue, vingou, cresceu e tomou forma a idéia de liberdade que ninguém e fôrça alguma lograram mais deter. Os executores do castigo implacável, ao recolherem da fôrça os despojos de quem se sacrificara pela Pátria ainda remota, mas já sentida, recolhiam também uma semente, porque todo homem que morre por uma causa é, na verdade, uma semente destinada a segura germinação no tempo.

Foi um ser, ao mesmo tempo, intrépido e humilde. 364 Aceitou o sacrificio com a consciência de estar na posição de vítima necessária à causa: “Meu Salvador morreu também nu por meus pecados”, teria exclamado. Enfrentou a morte sabendo que não pereceria; que os seus despojos frutificariam; que os executores da Real Justiça, punindo-o por ter sonhado e desejado uma Pátria livre, faziam dêle o próprio germe dessa Pátria e transformavam o seu suplicio cruento num símbolo de redenção. Enquanto prudência e justo temor envolviam muitos dos que pensavam como êle, Tiradentes aceitava o martírio, identificava-se com o martírio exaltadamente, unindo-se à Pátria vindoura na conformação com o próprio sofrimento. Sua história é comovente; seu devotamento foi total, de corpo e alma. Não contemplamos um homem inclinado à luta pela luta em si, um bravo profissional, alguém que se realizasse em combates e se embriagasse com riscos. O heroísmo em Tiradentes nascia do amor às suas idéias e

da aceitação dos sacrifícios decorrentes de tão entranhado sentir. Não era um espadachim. No Alferes de Cavalaria Joaquim José da Silva Xavier havia um homem político, um servidor da causa pública, um propagandista de idéias, um mobilizador de entusiasmos, um estudioso dos problemas de interesse coletivo, uma figura, enfim, irrecusavelmente merecedora do título de patriarca do desenvolvimento político e material do Brasil. Sua participação na Inconfidência mineira — êsse cândido arroubo já prenunciador do espírito romântico — derivou de sua integração no drama da nacionalidade em gestação. Não era Tiradentes um contribuinte do quinto em atraso, não o tocava pessoalmente o problema dos que arrancavam das entranhas da terra o metal precioso. Falava-lhe um dever de consciência, o de acudir em defesa de seu país — êsse país que somente em sua alma generosa apresentava então contornos da Nação definida. Era um visionário, pertencia à raça dos que se antecipam ao seu tempo; mas apesar de visionário, era também um realista, porque descortinava a realidade vindoura.

365

Os que o acusam de ter falado demais esquecem-se de que doutrinava e pregava uma idéia — e pregava e doutrinava num momento em que raros ouvidos se dispunham no Brasil a deixar-se impregnar pela veemência libertária. Ele queria o fim da escravidão, êle queria a República, êle almejava o impossível quando atuou como arauto, pregador e profeta da idéia nova, conclamador e anunciador da rebelião. Entre suas provações, não se há de esquecer a de falar e não ser ouvido, de receber mofas ou de por vêzes não encontrar senão uma leve e vaga ressonância. Não se verificara ainda a germinação — era a hora de semear ainda, de se jogar o grão à aparente indiferença da terra, do comêço anônimo da ingente tarefa, a hora dura e cega, a hora em que a vida se confunde com a ausência, em que o trabalho parece encontrar apenas esterilidade e

negação.. Não o queriam muitos seguir, alguns o encravavam como se encaram sempre os que pertencem mais ao porvir do que ao presente; outros, ainda, como a um doido, a um estranho objeto de zombaria. Quando lhe cabia falar, procurava levantar os ânimos, conjurar o medo, comunicar coragem, acender a esperança nos conformados e descrentes de qualquer possibilidade, ganhar companheiros e colhêr adesões. Depois, na hora da responsabilidade e do castigo, a solidão apossou-se do homem comunicativo, a grande solidão dos que nasceram para entrar na História. Nenhuma demonstração de temor ou fraqueza se lhe pode apontar, do processo à execução. Encobriu magnânimamente a todos, mesmo aos que o comprometeram, mesmo aos que eram mais decisivos. Calou-se a princípio, para não envolver, com a verdade, os que estavam com êle na trama. Chegado o instante da expiação, quando começaram as lamentações e as desculpas, falou para defender a tese de sua culpabilidade, para avocar a si a chefia da causa perdida. Tornou-se, voluntariamente, o alvo de tôdas as acusações. Ninguém é maior que êle, nesse instante decisivo. No ser humano, tecido com tôdas as fragilidades de nossa espécie, não encontraremos exemplo de maior nobreza que o oferecido aos contemporâneos e a tôdas as gerações de brasileiros, que se vão sucedendo, por êsse homem bom e sereno que estamos louvando e exaltando aqui.

Brasileiros ! Compareço a êste sítio dedicado a Tiradentes — e habitado por sua presença invisível — numa hora de importância histórica para o nosso país. Estamos em luta para consolidar nossa independência econômica, para engrandecer, tornar firme e tranqüila a causa do Brasil, que custou o sacrifício àquele que consideramos nossa mais alta e pura encarnação de heroísmo patriótico. Começamos uma luta áspera para a plena utilização da herança que nos legaram os que construíram a unidade nacional.

366

367 O povo brasileiro resolveu levar por diante essa campanha, até que se arranque grande parte sua ao atraso crônico e aos sofrimentos a que está submetida, inclusive o da privação da liberdade, pois não há verdadeira liberdade onde reinam fome, doença, ignorância. Empreendemos esta luta e comprometemo-nos a vencê-la. Torna-se, para tanto, imprescindível a união dos brasileiros. Já amadurecemos o bastante para sabermos que nenhum interesse partidário pode, ou deve superar o interesse coletivo, ou prejudicar a causa da nacionalidade.

368 Nesta homenagem, a que todo o nosso Estado se associa na pessoa de seu ilustre e dedicado Governador, meu amigo Bias Fortes, a quem desejo agradecer as inúmeras provas de lealdade, sinto-me animado a apelar para a união de todos os brasileiros, a fim de levarmos a efeito a obra redentora que apenas se inicia. Não peço, nem poderia pedir algo de meu interesse pessoal, ou de meu Governo. Avizinha-se a data em que terão minhas canseiras, responsabilidades e provações o termo marcado em lei. Passado um tempo em que a compreensão foi pouca, e as negações muitas e repetidas, Deus me deu a recompensa de ver-me apoiado pelo povo, além do que mereço. A nada mais aspiro senão — chegado o dia — passar ao meu sucessor, eleito pela vontade livre do povo, a Presidência da República, e retirar-me para a vida particular.

369 Não falo em união nacional sob o ângulo político-partidário. Cumpre que, no jogo das instituições democráticas, continuem os partidos a disputar as preferências da opinião pública, que a oposição prossiga no exercício de seu papel — o de chamar a atenção do Governo para fatos suscetíveis de fugir ao seu conhecimento, o de contribuir construtivamente para a gestão da coisa pública, criticando, sim, mas propondo também medidas no sentido de aperfeiçoar a administração e

dotá-la dos instrumentos legais adequados ao cumprimento de sua missão.

Não é uma união de conveniência política, essa que
370
almejo. Nosso país carece da união decorrente da consciência de termos todos, pelo nosso trabalho incessante e pela nossa nobre ambição, o dever de lhe acelerar o desenvolvimento a fim de que êle recupere o tempo perdido e torne efetiva e intocável a sua independência. É mister que se socorram e redimam tantos e tantos seres de Deus, nossos patrícios, que, em sua passagem terrena, têm conhecido apenas privações, desamparo, sofrimento. Não podemos considerar de todo independente a nossa Pátria, nem por completo realizado o sonho do protomártir, enquanto perdurar essa grave e humilhante situação para tantos brasileiros. É para essa obra de conquista do bem-estar e da felicidade — para êsse trabalho de colonização de áreas desertas e valorização de uma parte importante de nosso patrimônio, até aqui não produtiva e abandonada — que se deve estabelecer a união de todos os brasileiros. União para o engrandecimento da Pátria; união para que logremos o lugar a que estamos naturalmente indicados no concêrto das Nações; união vigilante em tôrno da luta de afirmação do Brasil como grande país. Esta é a união, esta é a solidariedade que julgo indispensável para tornar-se realidade a Pátria que nosso herói contemplava na hora da dedicação suprema.

No próximo dia 21, com a instalação da nova
371
Capital, vai iniciar-se uma era nova para o Brasil. Inspirado pela idéia de que devemos todos ajudar nosso País, no seu momento crucial e decisivo, no seu instante mais promissor, dirijo-me aos meus patrícios, sem quaisquer distinções. Para esta venerável e gloriosa Ouro Preto, para esta festa da Pátria reconhecida ao seu filho intimorato, para esta solenidade, a um tempo grave e jubilosa, em que se evoca o vulto luminoso de

Tiradentes, converge agora o pensamento de todos os brasileiros, na reafirmação do nobre lema dos Inconfidentes, que, nestes dias de luta pelo nosso desenvolvimento, adquire significado amplo e profundo !

372 *Libertas quæ sera tamen.*